

Complexidade da empatia psicanalítica: uma exploração teórico-clínica*

*Stefano Bolognini***, Bologna

Como evoluiu o conceito de empatia? A que preconceitos está sujeito? O que é a empatia psicanalítica e em que se diferencia da empatia natural? Através da análise de uma sessão eleita intencionalmente entre outras normais, isenta, portanto, de efeitos espetaculares no diálogo analítico, exploram-se os aspectos empáticos postos em jogo no campo por uma paciente e aqueles potencialmente utilizáveis pelo analista com base na experiência formativa profissional compartilhada pelos colegas. É, portanto, reafirmada a impossibilidade técnica, metodológica, da empatia que – como a criatividade do pré-consciente – não pode ser acesa à vontade.

Descritores: Empatia. Pré-consciente. Compartilhar. Trabalho contratransferencial. Interpsíquico. Identificação projetiva. Cisão. Dissociação.

* Publicado na Revue française de Psychanalyse, v. 68, n. 3, p. 877-916, 2004 e na Revista Uruguaya de Psicoanálisis, v. 100, p. 222-251, 2005. Apresentado na SPPA em 06 de maio de 2006.

** Psicanalista Didata da Sociedade Psicanalítica Italiana.

Dedico-me à empatia há mais de vinte anos, e creio que relatar brevemente algo sobre as razões subjetivas deste interesse clínico e teórico e seus percursos histórico-conceituais conexos é algo diferente e melhor do que um exercício narcisista distante do tema. Penso realmente que mais de um leitor poderá encontrar algo de si mesmo e de sua própria experiência formativa nesta breve reflexão, e que os cenários científicos que percorri poderão orientar posteriormente integrações parciais do excelente *excursus* introdutório de Françoise Coblence e Jean-Michel Porte (Coblence; Porte, 2004).

Quando eu era um jovem candidato confrontado às tradicionais dificuldades dos primeiros tratamentos analíticos e com o apoio das correspondentes supervisões, fui várias vezes impactado por um tipo de experiência intra-sessão que, embora rara, absolutamente imprevisível para mim, era ao mesmo tempo notável, caracterizada por um eficaz contato emocional e uma feliz clareza representacional durante a qual a vivência consciente do paciente era bem experimentada e partilhada, ainda mantendo paciente e analista com uma sensação de separação e de válida individualização pessoal.

Mas, ao mesmo tempo, ocorria que não apenas o *olhar* psicanalítico (compreender intelectualmente, poder explicar, o *erklären* jasperiano), mas também a experiência *in toto* do *compreender e sentir* (na forma bem integrada do compreender/*verstehen*) se estendiam *um pouco mais em profundidade*, até áreas menos egossintônicas, como se as redes do ego defensivo se tivessem alargado ocasionalmente e o *calado* de nossos sensores internos dispusesse, naquela circunstância, de um acesso momentâneo mais amplo ao pré-consciente, nosso e dos outros.

Um pouco mais em profundidade: não me refiro a algum poder introspectivo superior, a um delírio de clareza ou a um fenômeno de hipervisão, mas a uma condição de bom funcionamento complexo que simplesmente não se verifica com muita frequência.

Não encontro uma metáfora melhor do que aquela que alude a certos belos dias quando o ar está limpo e a vista alcança longe, até o horizonte, sem impedimentos.

Da minha cidade se vê muito bem os Alpes quatro ou cinco vezes ao ano, quando uma feliz coincidência de correntes de ar clareia o horizonte de nuvens, umidade, nevoeiro, etc., (equivalentes simbólicos de nossas defesas internas e das dificuldades de *encadeamento relacional* interpsíquico). Nesses raros dias, as montanhas se mostram em toda sua comovedora beleza, sem que as distâncias reais sejam dissimuladas; elas estão e aparecem distantes, portanto, bem separadas de

nós, mas também claramente perceptíveis e desfrutáveis em seus mínimos detalhes, no caminho gradual dos bosques às ladeiras subindo até as rochas iluminadas pelo sol. Esta metáfora não se refere somente, nem se limita – em função de suas conexões com a visão – ao conceito de *insight*, porque a experiência que lhes descrevi é quase sempre compartilhada, emociona participativamente a outras pessoas, promove desenvolvimentos relacionais posteriores entre os presentes e isso nos abre a perspectiva para uma possível relação entre *insight* e empatia como fenômenos relativos respectivamente ao intrapsíquico e ao interpssíquico (Bolognini, 2004a).

Impactava-me, em tais ocasiões, constatar como esta condição privilegiada permitia, de uma forma natural, trabalhar com o paciente sem forçar particularmente, e mais, respeitando especificamente os ritmos e as dificuldades subjetivas, justamente porque também o medo, os obstáculos, os fechos, eram objeto de uma percepção adequada e do conseqüente respeito instintivo. Ao mesmo tempo, era certo que também o paciente, compartilhando em boa medida estas atmosferas momentâneas de contato e de representabilidade do mundo interno, se permitia geralmente o uso mais fluído de si e da relação, ao menos até o inevitável retorno da névoa, quando, por longos períodos, a análise voltava a ser um trabalho difícil de obscuras e fragmentárias associações, de silêncios e distâncias insuperáveis, contidas pelo *setting* e por uma confiança básica na bondade do método.

Convencido, de alguma forma, de haver individualizado o núcleo transformacional da análise, a área na qual o conhecimento e a mudança eram possíveis em um grau máximo, pensei ingenuamente que, se tivesse conseguido estudar com êxito as modalidades técnicas para produzir *ad arte* as situações empáticas, eu teria realizado uma aquisição no campo psicanalítico mais ou menos equivalente ao descobrimento da pedra filosofal. Registrei também, com certo incômodo, o cultivo em mim de certas fantasias de *competência empática* especial e inata, como se eu tivesse secretamente um recurso especial para me sintonizar com os pacientes; o reconhecimento dessas ilusões, narcisicamente penoso, me foi facilitado por poder constatar quão difundidas estavam estas fantasias pessoais entre os jovens colegas (praticamente um suposto universal dos futuros analistas), e seu desinvestimento se fez inevitável no transcurso da prática clínica. Ai de mim, quantos dias de névoa e bruma me esperavam, ao invés do ar límpido desejado e esperado no início da formação!

Meu livro, *A empatia psicanalítica* (Bolognini, 2002), reporta, em sua primeira parte, uma detalhada exploração da literatura psicanalítica sobre o tema, desde Freud até os dias de hoje, e não tenho intenção de reduzi-la escolasticamente. Direi somente que as minhas ilusões de poder predeterminar a empatia estiveram,

por algum tempo, preservadas e protegidas graças à leitura das obras de Kohut (1971, 1977, 1984), pelo simples motivo de que este autor – por outro lado interessantíssimo e demasiado rapidamente aniquilado por muitos detratores – concebe e descreve *a empatia como método*, e não como uma feliz eventualidade, como cheguei a considerá-la após muitos anos de reflexão.

Por razões similares, não posso concordar com Modell (1990), que define a empatia como um ato voluntário; a experiência e as discussões com os colegas me confirmaram, com o tempo, que o analista decidido a empatizar se encontra em um beco sem saída e vai ao encontro de pelo menos uma clausura do pré-consciente e, inclusive, a um destino complexo e caricatural (bem captado por Schafer (1983) quando ironiza sobre o analista convencido de deter a atitude exata). O inconsciente não se deixa domesticar à vontade e tampouco o pré-consciente tolera uma disposição interna intencional e acabada; a literatura psicanalítica é rica, ao contrário, em contribuições convincentes sobre a fertilidade da *surpresa* na análise (Faimberg; Corel, 1990; Eiguer, 1993; Smith, 1995; Schacht, 2001), fator irreduzível e não programável de potencial abertura criativa, ao qual os analistas experientes estão, em geral, sabiamente *resignados*.

A concessão que hoje posso fazer, acerca de uma maior ou menor praticabilidade metódica de uma área transformacional empática, tem relação com a formação analítica como fator facilitador, e poderia expressá-la novamente recorrendo à metáfora meteorológica. Poder-se-ia dizer que não nos é possível, de forma alguma, determinar o tempo de amanhã, se teremos sol ou chuva; podemos, sim, transportar-nos a um local no planeta em que o clima esteja previsto e em que possamos legitimamente esperarmos uma maior probabilidade de que ocorram as condições anunciadas. Assim, não é irreal pensar que uma formação psicanalítica possa favorecer – na minha compreensão, em uma modesta, mas não desprezível medida – uma mais freqüente ocorrência de situações empáticas *sempre e quando o analista não pretenda empatizar metodologicamente* (e não se iluda de ter-se transportado de Edimburgo a Marrakech). Nos últimos trinta anos, atacou-se fortemente a psicanálise do ego norte-americana dos anos cinquenta e sessenta, lamentando-se, com certa razão, determinadas meticulosidades descritivas obsessivas, e, em geral, certa pretensão de definir e classificar, nos mapas estruturais do ego, qualquer possível disposição interna do analista e do paciente. Sabemos, também, a que ponto muitos interpretaram a corrente interpersonalista, intersubjetivista e co-construtivista nos Estados Unidos como um acontecimento reativo aos excessos precedentes da psicanálise do ego. Assim uma apreciação, ainda que específica e relacionada ao tema da empatia, como a que eu sustento das

históricas contribuições de Greenson (1960), Olden (1958) e do próprio Schafer (1959), pode resultar pouco política e à contracorrente.

Não obstante, creio que seus trabalhos cumpriram a função positiva de subtrair-lhe, ao menos em parte, um halo de mágica indefinição. Mesmo que algumas de suas definições nos pareçam hoje melhor esquematizadas, lhes reconhecemos o mérito de haverem colocado com clareza as situações empáticas na *área consciente-pré-consciente e de tê-las diferenciado, sem ambivalências, dos fenômenos de identificação, inconscientes por definição* e, inclusive, antiéticos – por sua intrínseca impensabilidade em contraste com a rica *pensabilidade empática*. Esta tem como pressuposto o contato *na forma de uma identificação parcial e consciente*¹ (immedesimativo) *em uma condição de discriminação*. A *vívida experiência de áreas de contato fusionais específicas* destinadas à comunicação íntima (Bolognini, 1997c, 2002; Fonda, 2000) é possível justamente quando as pessoas conseguiram a discriminação, individuação e um sentido de si mesmas suficientemente sólido e definido em seus limites. A identificação *sensu strictu* encontra-se no extremo oposto desta condição.

As contribuições da escola kleiniana ao tema empatia são também valiosas. Estão baseadas em uma conceituação com fortes conotações, em que as *vicissitudes fisiológicas (comunicativas e potencialmente pró-empáticas)* e/ou patológicas (evacuativas, controladoras, etc.) do mecanismo de *identificação projetiva* são estudadas com frequência com notável delicadeza (Klein, 1955; Money-Kyrle, 1956; Rosenfeld, 1987; Bion, 1967, 1970; Steiner, 1993; Grotstein, 1982, 2005). Seus trabalhos me facilitaram muito a diferenciação posterior entre a identificação projetiva e a *projeção*, que, a meu ver, *é sempre um fator anti-empático*.

Interessou-me muito a recente contribuição de Widlöcher (2003), que retoma o conceito freudiano de *induction de pensée* (Freud, 1921) e conecta a empatia através do *transfert de pensée* ao *co-pensée*, ... *permet de réaliser un effet d'empathie*, e também *l'interprétation doit être comprise comme un effet directe de la co-pensée*².

Devo dizer que boa parte de minhas observações no tema da empatia vai em uma direção exatamente oposta aos *lugares comuns* que em geral os adeptos

¹ Trata-se aqui de traduzir o termo italiano *immedesimazione*, que não tem equivalente em espanhol e que o autor distingue de *identificazione*. Optamos por uma tradução imperfeita, mas o mais aproximada possível, à de *identificação parcial e consciente* – formulação híbrida e paradoxal, já que a identificação é de fato um fenômeno inconsciente, mas que se aproxima bastante da experiência de colocar-se conscientemente e parcialmente no lugar de alguém. (Nota do tradutor para o espanhol).

² N.T.: Interessou-me muito a recente contribuição de Widlöcher (2003), que retoma o conceito freudiano de *indução de pensamento* (Freud, 1921) e conecta a empatia através da *transferência de pensamento ao co-pensamento*, ... *permite realizar um efeito de empatia, e também a interpretação deve ser compreendida como um efeito direto do co-pensamento*.

aos trabalhos sobre o tema sustentam. Também minhas observações se opõem a alguns colegas pouco dispostos a aprofundar este assunto. Antes de mais nada, o que se refere a uma forma de *bondade* analítica com base na qual o analista deveria se dispor positivamente, favoravelmente, *a priori* para o paciente e sintonizar-se essencialmente com sua vivência egossintônica, concordando com ela. A *empatia* é, ao contrário, *um fenômeno intra e inter-psíquico complexo, e, em certo sentido, desprovido de preconceito*, que requer certa capacidade de articulação interna e uma desencantada liberdade de percepção e de representação de afetos e de configurações de qualquer tipo.

Propus uma possível definição de empatia psicanalítica (que vai agregar-se às de Beres; Arlow (1974) de Schafer (1983) e de muitos outros):

A verdadeira empatia é uma condição de contato consciente e pré-consciente caracterizado por discriminação, complexidade e articulação; ela comporta um espectro perceptivo amplo, em que estão compreendidas todas as tonalidades de cor emocional, das mais claras às mais escuras; e, sobretudo, um progressivo, compartilhado e profundo contato com a complementaridade objetual, com o ego defensivo e com as partes separadas do outro, não menos que com sua subjetividade egossintônica (Bolognini, 1997c, p. 281).

Como se pode imaginar, uma definição deste tipo fecha a porta a soluções fáceis no campo clínico e a formulações monofocais no campo teórico. Não se pode sintonizar (ou iludir-se de que se pode sintonizar) especificamente e de forma contratransferencial concordante somente com o *si mesmo ferido narcisicamente* ou somente com a sexualidade do paciente ou, ainda mais, de forma contratransferencial complementar, com seus objetos internos, pensando ter vivido com ele uma experiência empática propriamente dita. Ou ao menos uma experiência de empatia psicanalítica.

Duvido tê-lo conseguido, mas me agradaria ter podido transmitir em poucas palavras a passagem de meu esquema inicial utópico e simplificador no tema da empatia a um, espero, mais maduro no qual complexidade, articulação e respeito pelos tempos próprios do encontro criativo em psicanálise tenham sido pouco reconhecidos. É coisa minha, mas talvez reflita alguns percursos possíveis em torno deste conceito, que, por sua natureza, tende facilmente a estimular no analista fantasias de onipotência ou rechaços reativos, da ilusão da pedra filosofal ao repúdio daquilo que parece distanciar-se, em certos casos, de uma rigorosa (mas talvez prematura e preventiva) classificação metapsicológica.

Uma sessão com Mônica: da *atitude social* ao reconhecimento de si mesma

O material clínico que pretendo utilizar, para pôr em evidência alguns dos pontos teóricos citados, é de natureza um pouco diversa dos habitualmente apresentados – e que eu mesmo apresentei no passado (Bolognini, 1984, 1991, 1997a, 1997b, 1997c, 1997d, 1998, 2001) – em trabalhos dedicados à empatia. Habitualmente, narram-se sessões ou vinhetas de tratamentos com desenvolvimentos *ad efectum*, com mudanças decisivas, que se tornam possíveis de forma bastante espetacular e pontual a partir de importantes momentos de compreensão que se dão entre paciente e analista, e com forte ênfase em um aspecto específico que acaba sendo o vínculo dinâmico da situação.

Neste caso, preferi eleger o texto de uma sessão que não é particularmente entusiasmante em seu desenvolvimento a curto prazo, mas que propõe validamente, em meu entender, uma imagem menos elementar da empatia psicanalítica, respeitando sua complexidade. É este o aspecto que quero evidenciar neste trabalho, destacando, também, a diferença entre o que considero empatia *natural*, constatável na vida cotidiana, e a *empatia psicanalítica*, fruto de uma experiência formativa.

Mônica está em análise há mais ou menos um ano e meio, com três sessões semanais. É uma mulher de trinta e quatro anos, casada, sem filhos, empregada em um escritório. É muito *normal*, sensata e infeliz. Apresenta-se como uma pessoa gentil e correta, mas se diz também invadida por uma sensação de raivosa impotência, que se remonta, segundo ela, à infância, e que reconecta em certos momentos – mas sem certeza, com pálidos e fragmentários *insights* que vão e vêm – e uma vaga sensação de inautenticidade de suas relações familiares e pessoais.

O pai era uma figura pública, muito atenta à imagem social, e também a mãe estava comprometida com esta representação exterior, que se estendia à vida familiar, pela necessidade de confirmar dentro e fora de casa um modelo ideal de harmonia afetiva. (Algumas de suas lembranças me haviam trazido à mente, com certa melancolia, a atmosfera familiar descrita no filme *Far from heaven (Longe do paraíso)* de Robert Zemeckis, 2003). Agora os pais estão aposentados e vivem em outra cidade. Uma irmã mais velha logo saiu de casa e não parece manter relações muito próximas com o resto da família, em especial desde quando se casou e teve um filho.

Na análise, Mônica se comporta *bem*, no sentido de que procura apresentar-se sempre sorridente na chegada, e de cuidar para não criar situações de conflito comigo, dedicando muitas sessões à descrição de dificuldades de relacionamento externas à análise. Minhas tentativas de estabelecer conexões com suas dificuldades

internas e externas relativas à relação analítica são recebidas por ela com aparente interesse, assim como tudo o que eu digo. Não obstante, é difícil estabelecer com segurança, no momento, o que ela realmente sente e o que não sente.

Tenho de fato a sensação de que a maior parte dessas trocas se desenvolve no nível *ego-ego* (Bolognini, 2002), com freqüente tendência ao racional e escasso contato experiencial em nível de si mesmo. Em alguns momentos, por exemplo, quando entra sorrindo de forma alegre ou quando propõe atmosferas livres de conflito um tanto artificiais, sinto-me sutilmente absorvido em uma disposição interna e externa análoga a sua, como se também eu tivesse sido convocado silenciosamente a entrar no ambiente do filme de Zameckis (que por sorte me vem à mente...).

Na realidade, sinto-me em uma posição interna de interlocutor durante a maior parte de nossas sessões, como se não tivesse realmente ainda individualizado e alcançado seu centro de gravidade emocional e como se eu mesmo não tivesse ainda entrado plenamente na experiência desta análise. Espero, escuto com comedido interesse, seguindo o fio de suas associações, por momentos me entedio um pouco e por momentos me sinto um pouco mais partícipe, mas a sensação global é ainda de atravessar a fase inicial, similar às longas *caminhadas de aproximação* com as quais os escaladores se avizinham da base da montanha que nos próximos dias enfrentarão.

A sessão

Mônica chega insolitamente perturbada em uma sessão de meio de semana, próxima a uma breve interrupção da análise (alguns dias), a qual lhe anunciei no momento oportuno e cuja razão ignora (tenho que ir a um congresso). Aparentemente essa descontinuidade analítica não provoca nela nenhum desassossego.

Ocorreu que, enquanto vinha para cá, encontrou pela rua um homem que lhe pareceu o Dr. D., um conhecido de seu marido com quem haviam jantado algumas vezes em uma atmosfera de cordialidade, e parou para com ele trocar algumas palavras corteses. Contudo, logo se deu conta que aquele não era o Dr. D., mas alguém que se parecia muito com ele, uma espécie de sócia.

Mônica vivenciou no momento uma sensação de pânico paralisante, permanecendo incapaz de dizer qualquer palavra. Enquanto isso o outro, após haver respondido à saudação e haver mostrado, por sua vez, espontânea cordialidade, não apresentou uma expressão de perplexidade (do tipo: “aqui deve haver algum engano...”), como teria sido adequado, mas se expressou com frases de genérica cortesia. Mônica teve então a clara percepção de que o outro acreditava conhecê-la de algum lugar e que tinha que ganhar tempo com frases apropriadas à circunstância,

à espera de encontrar em algum recanto de sua mente quem diabos era ela.

Fiquei muito interessado nesse ponto do relato por motivos analíticos e, também, porque, em um plano humano, a própria situação configurou-se como cada vez mais desagradável e extravagante, ao ponto de eu – como se usa dizer comumente – *começar a me sentir mal no seu lugar*. Também me veio à mente um famoso romance do escritor espanhol Javier Marías (1994) (*Amanhã na batalha pensa em mim*), em que um marido, separado há um ano de sua jovem e misteriosa esposa, com quem não mantém nenhum contato, faz subir em seu carro uma prostituta inacreditavelmente idêntica a ela e, sem compreender se realmente se tratava dela, inicia um diálogo estratégico para averiguar, dissimulando seu próprio interesse, a identidade real de sua interlocutora, por sua vez reticente. Farei referência mais tarde a essa intrigante associação.

Mônica (comovida, ainda sob o efeito do ocorrido) disse: “Percebia, incomodada, que aquele homem se sentia em desvantagem por não me reconhecer, dando por certo que nos havíamos conhecido em algum lugar, e, por isso, sentindo-se na obrigação de mostrar-se simpático, mantendo-se em generalidades e acabando por perguntar, como se costuma fazer nessas situações, sobre a saúde. Perguntava com cautela, cuidando bem para permanecer em assuntos vagos sobre o tema, sendo evidente que pensava que eu podia ter marido, filhos ou ser solteira. Ele acreditava não lembrar. Eu me dava conta do equívoco, mas não tinha coragem de desmenti-lo pelo papelão que teria feito declarando o erro e, assim, percebendo o vazio na conversa, me informei sobre sua saúde. Ele então respondeu, sempre sinteticamente e de forma genérica. Naquele momento tive a impressão de que, também em sua mente, começavam a surgir lampejos de dúvida. O certo era que nenhum de nós dois parecia poder permitir-se dizer com franqueza ‘desculpe, mas eu não te conheço’ e admitir o engano”.

Escutando o relato de Mônica, minha mente toma desde o início duas direções diferentes: por um lado, identifico-me parcial e conscientemente (*immedesimo*) com a vivência subjetiva egossintônica de Mônica e, nesse sentido, a experiência que vivo se parece a um verdadeiro pesadelo, dado que o incômodo social da cena se soma à sensação de aprisionamento e impossibilidade de reagir de forma liberatória. Colateralmente a isso (em um certo sentido entrando e saindo alternadamente de uma condição de forte identificação parcial e consciente – *immedesimazione* – com ela) não posso evitar perceber em mim a tentativa de me distanciar dessa forma de identificação. Pego-me pensando que aquela situação era absolutamente bizarra, como que para desfazê-la ou retirar-lhe um pouco da importância; assim, pego-me me dizendo que na realidade ocorreu com ela, e não comigo.

Experimento, por um lado, uma forte tentação de me distanciar, descarregando

comigo mesmo a tensão com uma gargalhada sadomasoquista interior (um pouco como ocorre quando vemos filmes tragicômicos em que o protagonista sofre adversidades persecutórias paradoxais e o dar-nos conta que essas ocorreram com ele, e não conosco, nos permite uma descarga liberatória de angústia). Por outro lado, persiste uma sensação de pena e incômodo, porque continuo, ao mesmo tempo, me colocando no lugar dela.

Em minha mente, além disso, abre-se pouco a pouco um espaço potencial, de forma totalmente involuntária, no qual se configura um início de representação, uma cena de contornos oníricos, *zeitlos*, sem tempo. Duas pessoas que acreditam se conhecer e que, ao contrário, deveriam se dar conta de que não se conhecem, tratam-se com uma cortesia formal e com uma familiaridade deslocada, com o agravante de que o reconhecimento do fato de que são estranhos se torna fonte de angústia e resistências praticamente insuperáveis, e de que o desejo de liberar-se de tudo isso é frustrado pelo dever de manter uma fachada de respeitável *normalidade* relacional.

O relato de Mônica termina, então, com um final digno das fases precedentes: sem dizerem nada, os dois se ajustaram, encenando um distanciamento indolor, desejando-se incontestáveis frases de recíprocos augúrios de boa saúde e saudações cordiais, com um suor frio pelo papelão não explicitado, mas inevitavelmente percebido, e buscando distanciar-se concretamente do local físico do encontro com a maior rapidez possível.

Segue-se um certo silêncio. Mônica parece extenuada após haver revivido em seu relato sua incômoda experiência. Meu pensamento neste ponto é mais ou menos este: “Existe o perigo de que nós dois aqui corramos o risco de fazer como eles dois lá” e, logo em seguida: “e como Mônica fez com os seus e os seus com ela, com sua fachada inautêntica, intolerante com tudo aquilo que destoa ou perturba”. E ainda mais: “assim como ocorre repetitivamente *todas as vezes* que Mônica tem a ver com alguma pessoa, com quem *deve* ter algo a ver de forma significativa e com alguma possível, real dependência, contendo e dissimulando o medo, a raiva, a hostilidade, que não pode sentir nem expressar, sorrindo ao invés de grunhir com franqueza”.

Penso com uma sensação de maior liberdade e serenidade – obtendo acesso àquela espécie de jardim psicanalítico pré-consciente que está às margens do espaço onírico sem tempo, com figuras sem rostos – que o objeto interno de Mônica, aparentemente *cordial* e de fácil contato, na realidade ambíguo e estranho, se personificou há uma centena de metros daqui. Pode ser que ele esteja se aproximando. Sinto que, se lhe propuser agora a interpretação em termos de deslocamento a respeito da sessão, Mônica certamente *entenderá e concordará* com

a minha interpretação, e nós estaremos mais uma vez de acordo, permanecendo como dois estranhos (psico) socialmente corretos. Mas se eu esperar um pouco mais, talvez o verdadeiro centro de gravidade da cena interna se coloque em evidência. Geralmente cuido para regular um nível tolerável de ansiedade no paciente, propondo-lhe interpretações continentais, se necessário.

Agora, após Mônica haver expelido, ao menos em parte, alguns elementos traumáticos através de sua narrativa, sinto que começa a haver um pouco de espaço para o pensamento.

De fato, enquanto sem pressa revisito dentro de mim, com certos escrúpulos, as sessões precedentes (terei talvez tentado uma empatia forçada, irrealisticamente socializante, como o falso Dr. D...?), Mônica diz uma frase que parece abrir um espaço de trabalho (menos agitada e mais triste): “Mais do que ter confundido aquele cara com o Dr. D., me impressiona o fato de não ter podido lhe dizer que havia me equivocado. Por quê? O que eu temia?”

Eu, ao menos em parte, sei o que ela temia, porque experimentei esse algo com violência em minha própria carne ao identificar-me parcial e conscientemente (*immedisimandomi*) alternadamente, durante o relato. Mas agora não quero ser eu a dizê-lo, cabendo-me o sentir e o reconhecer daquelas situações. Mônica tende a privar-se delas, liberando-se e expelindo-as em mim. Priva-se, também, de uma função que mudará durante o encontro, e que Mônica reconhece e descreve com sofrida exatidão, porque, se no início é fruto da indução do outro, a partir de certo momento é, ao contrário, por inteiro sua. Dá a impressão de que Mônica tinha fortemente empatizado *malgré soi* com a incapacidade de seu interlocutor de admitir o erro: ali aonde *empatizar não significa simpatizar, mas reconhecer*; talvez com fastídio ou pena. Mônica não sentiu simpatia alguma em relação a ele naquele momento, em relação *ao defrontado com essas dificuldades* que são, desde sempre, as suas próprias. Ela não sente agora simpatia alguma por *ela mesma defrontada com aquelas dificuldades*; seu eu e seus objetos internos não parecem ainda disponíveis neste início-análise, a orientar-se de forma compreensiva ou protetora em relação a seu si mesmo com dificuldades.

Empatizar significa, portanto, nesta situação específica, *compartilhar parcialmente e de forma setorial, mas vivencial, a experiência interna do outro, sentindo-a e conseguindo também representá-la como é*. Nenhuma bondade, nenhuma atitude de piedosa proteção neste caso, nenhuma doce atmosfera de nobres sentimentos, mas sim um maldito incômodo devido justamente à condenada percepção daquilo que de desagradável e mesquinho cada um estava vivendo com o outro e consigo mesmo.

Há um *papelão* que Mônica não pode sustentar dentro de si e junto a mim,

que provavelmente tem relação de alguma forma com o sentido subterrâneo de autenticidade ou inautenticidade de nosso *interesse por sua saúde* psicológica. Como assinalei, quando vem à sessão, Mônica se mostra sempre sorridente e agradável, e procura permanecer assim. Por isso, não posso deixar de lhe dar razão se pensa que eu de fato *não a conheço* e que ela não conhece a mim, como eu me poria emocionalmente frente a ela se a conhecesse verdadeiramente. Muitos adolescentes, por exemplo, sabem que grande parte de sua vida não é conhecida por seus pais, para começar, sua vida sexual – secretas/segredos³ (Mantovani, 1989).

Eu suportaria, por exemplo, um papelão compartilhado (*partagée*) com ela, reconhecendo-o e encontrando forças para falar disso com sinceridade? Como eu me organizo em minha relação interna com meu *ideal do ego*? Que parceiro eu seria em um incidente analítico tão incômodo e lesivo para a minha, a dela, a nossa imagem?

Mônica empatizou, sem o desejar, limitada e setorialmente com a vivência do pseudo Dr. D., e, a partir de um certo momento, percebeu que ele também estava, sem o desejar, em sintonia, perceptiva – e certamente também representativa –, com o mesmo nível de sua desagradável experiência. Esta é uma circunstância curiosa e notável de empatia, embora bastante complexa, por basear-se na percepção da organização interna do outro e de alguns de seus movimentos internos, mas não pode ser definida como uma experiência de empatia mental (o sentir e o reconhecer), de que a considero potencialmente capaz. Por outro lado, a última frase pronunciada por ela assinala-me que a paciente está trazendo à tona um ponto problemático emergente, que a pressiona desde o pré-consciente.

Silêncio entre nós dois. Este silêncio é possível também de minha parte porque sei e sinto que Mônica não o vive como hostil ou distante. Esta paciente sabe que eu a escuto e que reflito sobre tudo o que ela me comunica, e que estou dando espaço a seus pensamentos. A sensação de movimentos internos, – Mônica está trabalhando –, eu a sustento, porque neste ponto da sessão adquiri uma clareza suficiente de sentir as coisas e representá-las em mim, e posso tolerar os tempos de sua reintrojeção conflitiva. Decido, portanto, ajudá-la, *oferecendo assistência* à pergunta que foi formulada.

Analista – “O que poderias temer?”

Formulo a pergunta de uma forma condicional, que permite e até favorece uma área potencial de busca um pouco vaga, genérica e não restritiva. Do modo como pergunto, favoreço em Mônica a sensação de que eu não tenho em mente

³ Trata-se da tradução do jogo de palavras em italiano *secreti/segreti*. (Nota do tradutor para o espanhol).

alguma coisa precisa, e de que estou interessado no que ela possa pensar. Isso é importante; a minha pergunta deve abrir um espaço, e não fazê-la sentir-se pressionada por um interrogatório.

Mônica (com um movimento de deglutição e suspiro): – “*O papelão. Ali havia dois papelões terríveis: o meu e o dele. Uma coisa insustentável*”.

Analista (começando a sentir-se parcialmente liberado de um peso interno): – “Bem... parece que estás começando a sustentá-lo...”.

A sessão termina pouco mais adiante em um clima difícil, desenvolvido e levado a cabo como logo após se passar por um apuro e nos cumprimentamos com a sensação de haveremos trabalhado, ainda que me parecesse faltar muito a ser compreendido sobre o bizarro episódio referido pela paciente.

Reflexões após a sessão

A cena clínica que lhes relatei pode ser objeto de muitas observações, e uma eleição dentre estas pode ser, além de obviamente subjetiva, também direcionada a evidenciar aspectos interessantes em relação ao tema que estamos tratando. Por exemplo, um elemento sobre o qual quero chamar atenção é, em primeiro lugar, a sensível e precisa percepção que Mônica desenvolveu, já poucos segundos após a disposição interna do pseudo Dr. D.

Voltemos por um momento à frase com que Mônica abre o jogo sobre suas reflexões, após sua envolvente narração. Naquela frase podemos encontrar a bifurcação a partir da qual se separam dois caminhos: o da empatia natural e o da empatia psicanalítica: “*Mais do que ter confundido aquele cara com o Dr. D., me impressiona o fato de eu não ter podido lhe dizer que havia me equivocado. Por quê? O que eu temia?*”

Foi possível reconstruir, a partir das palavras da paciente, qual, entre outras coisas que podia temer, era a mais próxima a sua consciência, aquela que havia expelido, *em parte*, em mim, mas não completamente, conservando assim uma certa função comunicativa – e não somente expulsiva – no próprio relato. Vimos também como bastou um silêncio intencional, um *vazio*, cúmplice da parte do analista, para fazer emergir os conteúdos mais superficiais à consciência.

O primeiro segmento desta frase (“*Mais do que ter confundido aquele cara com o Dr. D.*”) é, para a paciente, imediatamente descartável e superável, como hipótese privada de interesse. Para o analista, ao contrário, ele tem um timbre e um sabor inconfundíveis, ainda que lhe falte o detalhe lingüístico tradicional do *não* que caracteriza um bem definido mecanismo defensivo. Encontramo-nos na presença de uma *negação* da primeira representação possível de um conteúdo, no momento impossível de ser confrontada pelo aparato mental da paciente. Um

conteúdo que é fugazmente assinalado e, portanto, imediatamente desvalorizado, desinvestido e abandonado.

O analista, neste caso, funciona instintivamente como um sabugo, no sentido de que, graças a sua experiência direta precedente como paciente em análise, ele *fareja* a negação *antes mesmo de seguir um percurso metodológico intelectual* como o que levaria talvez um perito da linguagem às mesmas conclusões. Isso permite abrir em sua própria mente uma janela, um *file* específico, que o leva a identificar-se parcial e conscientemente (*immedesimarsi*, mas *não a identificar-se!*...) com outra área mais profunda da paciente. Esta, neste caso, por exemplo, poderia ser descrita assim: “Pensar em não ter sabido distinguir uma pessoa que conheço de outra que não conheço é algo que me aterroriza; pensar que distorci ilusoriamente o rosto daquele cara para ver e reconhecer o Dr. D. me faz pensar com terror em mim mesma como funcionando mal psiquicamente, em meu eu *psiquiátrico*. E por que terei tido necessidade ou desejo de encontrar-me com o Dr. D.? E quem deveria associar-se em fantasia a este Dr. D.? Prefiro não pensar nisso, não pensar em mim mesma demasiadamente regressiva, confusa ou desejosa. Em suma, melhor pensar no *papelão*, ainda que por outro lado dê calafrios. Me assusta também só imaginar ter podido pôr em cena, sem conscientemente querê-lo, o problema da falsidade que terei a reencontrar *em qualquer esquina* da minha vida por efeito da repetição; também aqui, com você. Mais ainda que o papelão, temo dar-me conta de que eu não reconheço bem nem a mim mesma, nem aos meus, quem dirá a você.”

Penso que isso é verdadeiramente um conteúdo psíquico profundo e inconsciente que não pode ser interpretado agora. A paciente receberia minha comunicação como uma informação um tanto mirabolante. Eu o menciono aqui somente porque me vem à mente em função de sua ostensiva negação.

Em minha exploração das situações empáticas, cheguei a pensar que *a empatia psicanalítica* talvez seja algo diverso, mais profundo e complexo, do que *a empatia natural* da qual são geralmente capazes as pessoas dotadas de uma boa e equilibrada sensibilidade (Bolognini, 2004b). A capacidade (ocasional, freqüentemente evasiva e quase sempre pouco programável) dos analistas suficientemente experientes de compenetrar-se com a experiência subjetiva e com a complexa organização interna do paciente contempla um horizonte mais amplo e compreende, por exemplo, a percepção dos contornos, da força e do grau de atividade do ego defensivo.

O que Mônica não quer sentir e pensar neste momento? E por quê? E com quanta força inconsciente se opõe a um profundo contato consigo mesma? O analista tem, sem dúvida, uma concepção teórica escolástica desta problemática,

mas a convicção que amadureci é que esta serve, sobretudo *a posteriori*, para formalizar conceitualmente suas próprias seleções técnicas. Por outro lado, o que primariamente ocorre é que o analista *saboreia* a experiência do outro (e de si mesmo no contato com a experiência do outro). Percebe-a e a valora também quantitativamente em suas implicações dinâmicas através de uma identificação parcial e consciente que envolve a si mesmo – entendido como sede e como objeto da experiência subjetiva complexa – muito antes do que através de uma leitura intelectual/racional de parte das funções noéticas do ego.

Dito de outro modo: o que diferencia o modo de funcionar de um psicanalista do de um psicólogo, um filósofo ou um teórico da linguagem não é somente o referencial cultural, mas também a familiaridade associativa com o pré-consciente e o hábito de um contato reconhecedor da experiência psicossensorial de si mesmo (Bolognini, 2003). O analista recorda, associa, *fareja, saboreia*, compenetra-se parcial e transitoriamente em nível consciente e pré-consciente, porque está habituado a fazê-lo, porque foi treinado para fazê-lo durante sua própria análise, porque um outro alguém, no tempo de sua formação, lhe fez perceber o uso criativo destas funções, justamente trabalhando com ele.

Parte deste trabalho psíquico, contudo, estão em condições de fazê-lo instintivamente as pessoas relativamente sãs, que tenham podido gozar, no processo de criação, da relação com um progenitor ou ambiente emocionalmente favorável. *A especificidade do analista é estar em condições de manter um campo de percepções e representações mais amplo, mais articulado e mais móvel.* O analista trabalha, com efeito, com uma discreta atitude de suspensão: do juízo, à espera de novas associações, da valoração do quadro clínico e, às vezes, inclusive, suspensão da atividade representacional (Racalbutto, 1994; Giaconia; Pellizzari; Rossi, 1997), para favorecer uma mais espontânea possibilidade de florescimento das associações após uma abstinência temporária. É uma das possíveis leituras do célebre *sem memória e sem desejo*, de Bion (1970).

O analista experiente está bastante preparado para reservar espaço no campo mental para a aparição eventual de novas configurações mais ou menos relacionáveis com as precedentes: o detalhe incongruente, o elemento separado podem encontrar hospitalidade em um rincão colateral *suspendido*, à espera de integração e reconexão com o resto do contexto. É, contudo, pouco freqüente que uma pessoa não exercitada se encontre em condições de tolerar isso por mais de um instante, ou esteja propensa a fazê-lo. Basta pensar na precipitada rapidez com que, habitualmente, durante uma conversa, as pessoas se apressam em dar seu parecer a quem procure transmitir uma dúvida, um problema ou uma vicissitude própria complicada e, inclusive, uma experiência interna conflitiva.

O analista, justamente por sua formação analítica e pessoal, e não por tê-lo apreendido de algum livro, tem um pouco menos de temor do que os demais de enfrentar as possíveis áreas intermediárias intra e intersíquicas, sem a pretensão reasseguradora de saturá-las imediatamente com *conteúdos-tampão*. Ademais, por exercício e pela formação recebida, tem o cuidado de conservar algumas áreas do si mesmo profissional não infiltráveis por inteiro pela experiência – por mais forte que seja – do outro. Para tal, é ajudado não somente pela referência ao complexo mundo teórico próprio, mas também pelas consultas que faz a colegas e professores, que, por via autenticamente introjetiva (e não por incorporação), se transformaram na parte constitutiva do seu próprio mundo interno. Isto não o resguarda de invasões contratransferenciais e do *contágio emocional* (Bonino; Lo Coco; Tani, 1998), como cada um de nós sabe por experiência própria. Tampouco pretendo aqui fazer um elogio carente de crítica ou idealizador da categoria (do analista), porque sabemos bem que não passa um dia sem que nossos limites psicológicos e técnicos recebam ampla confirmação no trabalho clínico.

Estou bastante seguro de que, dificilmente, Mônica encontraria espera, escuta, espaço, ressonância, compreensão, técnica maiêutica adequadas fora de nossos consultórios profissionais, mesmo que o interlocutor fosse teoricamente muito treinado mas não exercitado no contato pré-consciente com o si mesmo, o sanamente sensível e com capacidade de resposta, mas não metodicamente formado na suspensão e na complexidade.

Voltemos mais uma vez a Mônica e à sessão. Há outro elemento clínico fundamental que emerge do material da sessão, entendido não somente como narrativa de parte dela mesma, mas também como vivência co-experimentada pelo analista durante a escuta e somente fatigada e descontinuamente reconhecida, pensada e integrada vivencialmente, no momento em que acontece. É um detalhe de contratransferência, meu último baluarte, minha última defesa, meu pensamento: “... bom, na realidade esta situação desagradável *ocorreu com ela e não comigo...*”. Não é freqüente que eu recorra a um dispositivo desse tipo para neutralizar um mal-estar surgido pela identificação parcial e consciente com o outro, uma angústia a ser compartilhada. Tenho motivos para crer que, nessa passagem, se verificou (ao menos também) um contágio defensivo inconsciente, algo similar ao que Anna Freud (1936) chamava uma *transferência de defesas*.

O rechaço projetivo, o liberar-se de uma experiência penosa atribuindo-a exclusivamente ao outro, poderia parecer, à primeira vista, realista: Mônica encontrou o pseudo Dr. D., e não eu, e eles dois deram vida à cena descrita. Mas também é certo que, *em um plano não lógico, mas psicológico, experiencial, esta cena ocorreu-me também aí, identificando-me parcial e conscientemente*

com *Mônica*, e que minha tentativa de defender-me do incômodo experimentado poderia ter-se configurado com base em aspectos específicos do funcionamento defensivo dela, possível objeto de identificação inconsciente de minha parte. *Eu não o conheço, não é assunto meu, eu não tenho nada a ver, não sei de que falam, etc.*, são as clássicas expressões de quem tenta afirmar ou rebater o próprio e absoluto distanciamento em relação a uma situação inaceitável. Na linguagem comum, costuma-se dizer que o indivíduo, descrevendo em tais termos a própria relação (ou, mais precisamente, a não-relação) com o objeto ou situação, *se dissocia*.

Podemos nos dissociar, sem nos darmos conta, das próprias sensações, percepções, pensamentos e recordações, de grandes partes do si mesmo, permanecendo conscientes e separados verticalmente no ego. Às vezes, como se usa dizer, a mão esquerda não sabe o que faz a mão direita. Às vezes, por outro lado, o sabe, mas isso não garante que sinta ou se mova de forma integrada com a outra mão. *A dissociação incompleta existe em correspondência com uma condição de cisão*.

Lembro-me do relato de uma paciente que sofria muito; descrevendo-me sua relação sexual com o marido, a quem odiava, dizia que “lhe deixava à disposição o esqueleto”, observando a cena de modo desafetivizado e distanciado, do exterior, como se ela estivesse a dois ou três metros de ambos (um relato verdadeiramente formidável).

Distanciar-se fisicamente, escapar, *dissociar-se de*: *Mônica* me expôs, talvez – este é meu pensamento inacabado, refletindo com calma e voltando a saborear o ocorrido –, à prova da cisão interna. Seria a mesma que compartilhou com terror com aquele desconhecido, quando transformou ocasionalmente o intrapsíquico em interpessoal com o pseudo Dr. D. (como ocorre quando o inconsciente extravasa o psiquismo individual e se torna cena compartilhada), e logo de novo em intrapsíquico (meu) na sessão.

A compreensão destes eventos, que não se colocam habitualmente nos níveis consciente e/ou pré-consciente, não pode ser imediata. Em minha visão da empatia, *o compartilhar não corresponde de forma alguma à empatia, sendo somente um potencial precursor* (Bolognini, 1998). Falta ainda muito *trabalho contratransferencial* (Di Benedetto, 1998) por desenvolver, antes que, do compartilhar (que pode ser um evento traumático não integrado pelo representar e pelo elaborar), se passe à compreensão empática propriamente dita. Com muita frequência, o compartilhar, ou a convocação para participar na extensão interpessoal de uma cena intrapsíquica, têm que ver substancialmente com a repetição, e não com a empatia.

A maior parte das minhas considerações, como verão, é relativa à disposição

intrapéssica do ego, do superego ou do ideal do ego de Mônica em relação a ela mesma. Mas há outros elementos, ainda, no campo analítico da sessão que referi, que nos permitem refletir sobre um possível desenvolvimento posterior desta análise.

A associação do analista com o romance de Javier Marias (1994) abre diferentes cenários, por exemplo, a respeito do argumento da sexualidade através da prostituta que me veio à mente. Não terá relação toda a elucubração sobre o *papelão* com o fato de ela ter parado um homem na rua, ainda que tendo acreditando reconhecer nele um interlocutor socialmente incensurável?

Quais proporções da transferência, quais fantasias estão, neste aspecto, obscurecidas em nossa exploração? Qual é a relação deste episódio com a separação? Podemos reconsiderar mais atentamente a *obnubilação* da paciente, ao reconhecer o objeto na proximidade de uma separação anunciada, conectado a um possível desinvestimento defensivo a respeito do próprio objeto? E a mulher *desaparecida* do romance, que também me veio à mente, pode ser talvez obscuramente conectada de alguma forma com a irmã da paciente que, por vicissitudes amorosas e sexuais, saiu precocemente da casa de seus pais?

Assim, intuo que sexualidade e separação, amor e autêntico reconhecimento recíproco, parecem estreitamente entrelaçados no mundo interno de Mônica. Provavelmente, experienciaremos isso no futuro.

Não irei mais adiante na análise da sessão de Mônica e não quero pretender estender meu olhar demasiadamente longe. Demos tempo a que se desdobre a análise e se desenvolva mais ricamente a complexidade da transferência de Mônica. Complexidade muito mais ampla do que a discutida aqui, quando tentamos focalizar a atenção sobre alguns elementos específicos. Meu interesse dirigiu-se, neste trabalho, a evidenciar alguns pontos fundamentais que resumo brevemente:

- *A empatia é uma condição complexa*, que não se limita de forma alguma à concordância com a vivência consciente egossintônica do paciente (a hipótese dos *simplificadores* grosseiros), nem com uma parte específica consciente ou inconsciente privilegiada por uma teoria (como, por exemplo, o *si mesmo narcisicamente ferido* para os kohutianos). Requer espaço e suspensão para identificar-se parcial e conscientemente de forma articulada com as diferentes áreas e níveis do paciente.
- *A empatia não pode ser programada*, porque se realiza através de ocasionais, indizíveis aberturas dos canais pré-conscientes do analista, do paciente ou de ambos.
- A experiência formativa do analista coloca-o em certa vantagem em relação à maioria das outras pessoas, no sentido de poder criar condições

intra e intersíquicas que promovam situações de tipo *empático um pouco mais facilmente e de modo mais articulado*.

- *A empatia não tem nada que ver com a bondade nem com a simpatia, porque pode realizar-se com base em uma compenetração em si mesma pouco gratificante, que se torna possível, às vezes, justamente pela ressonância específica com as correspondentes áreas indesejáveis presentes no psicanalista ou com seus sentimentos negativos.*
- *A empatia psicanalítica compreende a possibilidade de acessar, com o tempo, através da elaboração contratransferencial, também a reintegração de componentes cindidos, não somente hipotetizados – de forma artificial –, mas experimentados e reconhecidos pelo analista em um regime de reconhecimento vivencial.*
- *Se a consciência é a sede natural da organização e da formalização da vivência à luz do ego, o pré-consciente é o lugar da exploração da experiência do si mesmo e do outro.*

Segundo meu parecer, os analistas são comparáveis, nesta atividade, àqueles mergulhadores que, apetrechados somente com *instrumentos naturais*, estão em condições de explorar o ambiente marítimo até poucos metros de profundidade. Uma possibilidade bem modesta em relação aos abismos que se abrem frente a eles, mas incomparavelmente valiosa em comparação com o vão esforço de perspectiva de quem, como muitos pacientes, nessa água nunca esteve em condições sequer de colocar os pés. □

Abstract

Complexity of the psychoanalytic empathy: a clinical-theoretical exploration

How has the concept of empathy evolved? To which biases is it subject to? What is psychoanalytic empathy and how does it differ from natural empathy? Through the analysis of a session intentionally chosen among other normal ones, therefore exempt of spectacular effects in the analytical dialogue, the empathic aspects brought into the field by a patient are explored, as well as those potentially used by the analyst based on the formative professional experience shared by the colleagues. Therefore, it is reaffirmed the technical, *methodological* impossibility of empathy which – as the preconscious creativity – cannot be *lightened up* at will.

Keywords: Empathy. Preconscious. Sharing. Countertransferential work. Interpsychic. Projective identification. Splitting. Dissociation.

Resumen

Complejidad de la empatía psicoanalítica: una exploración teórico-clínica

¿Cómo ha evolucionado el concepto de empatía? ¿A qué prejuicios está expuesto? ¿Qué es la empatía psicoanalítica y en que se diferencia de la empatía natural? A través del análisis de una sesión elegida intencionalmente entre otras normales, exenta por lo tanto de efectos espectaculares en el diálogo analítico, se exploran los aspectos empáticos puestos en juego en el campo por una paciente y aquellos potencialmente utilizables por el analista en base a la experiencia formativa profesional compartida por los colegas. Es por lo tanto reafirmada la imposibilidad técnica, *metodológica*, de la empatía que – como la creatividad del preconciente – no puede ser *encendida* a voluntad.

Palabras llave: Empatía. Preconciente. Compartir. Trabajo contratransferencial. Interpsíquico. Identificación proyectiva. Escisión. Disociación.

Referências

- BERES, D.; ARLOW, J. (1974). Fantasy and identification in empathy. *Int. J. Psycho-anal.* v. 43, p. 26-50.
- BION, W. R. (1967). *Second Thoughts*. London: Heinemann.
- _____. (1970). *Attention and interpretation: a scientific approach to insight in psychoanalysis and groups*. London: Tavistock.
- BOLOGNINI, S. (1984). Empatía: presentazione al Centro Veneto di Psicoanalisi. 10. Aprile. 1984.
- _____. (1991). Gli affetti del'analista: analisi con l'io e analisi col sè. *Rivista di Psicoanalisi.* v. 37, p. 339-371.
- _____. (1997a). Empatía e differenza. In: Sacerdoti, G.; Racalbutto, A. *Differenza, indifferenza, differimento*. Milano: Dunod.
- _____. (1997b). Empatía e patologie gravi. In: Correale, A.; Rinaldi, L. *Quale psicoanalisi per le psicosi?* Milano: Raffaello Cortina.
- _____. (1997c). Empathy and empathism. *Int. J. Psycho-anal.* v. 78, p. 279-293.
- _____. (1997d). The kind-hearted versus the good analyst: empathy and hatred in countertransference. In: Bertolini, G. et al. *Squiggle and spaces*. London: Rebus Press.
- _____. (1998). Compartir y malentender. *Rivista di Psicoanalisi.* v. 55, p. 7-20.
- _____. (2001). Empathy and the unconscious. *Int. J. Psico-anal.* v. 70, p. 447-473.
- _____. (2002). *La empatía psicoanalítica*. Buenos Aires; México: Lumen, 2004.
- _____. (2003). Vrais et faux loups. L'alternance du refoulement et du clivage dans les tableaux

- cliniques complexes. *Revue Française de Psychanalyse*. v. 67, p. 1285-1304.
- _____. (2004a). IntrapSYchic-InterpsyChic. *Int. J. Psycho-anal.* v. 85, n. 2, p. 337-357.
- _____. (2004b). Misunderstandings on empathy. *Bulletin of the British Psychoanalytical Society*. Feb. 2004.
- BONINO, S.; LO COCO, A.; TANI, F. (1998). *Empatia. I processi di condivisione delle emozioni*. Firenze : Giunti.
- COBLENCÉ, F.; PORTE, J. (2004). Argument: empathie. *Revue Française de Psychanalyse*. v. 68, n.3, p. 757-762.
- DI BENEDETTO, A. (1998). Sperimentare un pensiero che verrà. *Rivista di Psicoanalisi*., v. 44, p. 5- 22.
- EIGUER, A. (1993). Un des traits spécifiques du dialogue analytique: l'imprévisibilité. *Revue Française de Psychanalyse*. v. 42, p. 20-29.
- FAIMBERG, H.; COREL, A. (1990). Repetition and surprise: a clinical approach to the necessity of construction and its validation. *Int. J. Psycho-anal.* v. 71, p. 411-420.
- FONDA, P. (2000). La fusionalità e i rapporti oggettuali. *Rivista di Psicoanalisi*. v. 3, p. 429-449.
- FREUD, A. (1936). L'Io e i meccanismi di difesa. In: *Opere*. v. 1. Torino: Bollati Boringhieri.
- FREUD, S. (1921). Psicologia delle masse e analisi dell'Io. In: *Opere*. v. 9. Torino: Bollati Boringhieri.
- GIACONIA, G.; PELLIZZARI, G.; ROSSI, P. (1997). *Nuovi fondamenti per la tecnica psicoanalitica*. Roma: Borla.
- GREENSON, R.R. (1960). Empathy and its vicissitudes. In: _____. (1978). *Explorations in psychoanalysis*. New York: Univ. Press.
- GROTSTEIN, J. (1982). *Splitting and projective identification*. New York: Jason Aronson.
- _____. (2005). Transidentification. An extension of the concept of projective identification. *Int. J. Psycho-anal.* v. 86, n. 4, p. 1051-1070.
- KLEIN, M. (1955). On identification. In: Klein, M.; Money-Kyrle, R. *New Directions in Psycho-Analysis*. London: Heimann; Tavistock.
- KOHUT, H. (1971). *The analysis of the self*. New York: Univ. Press.
- _____. (1977). *The restoration of the self*. New York: Univ. Press.
- _____. (1984). *How does analysis cure?* Chicago: Univ. of Chicago Press.
- MANTOVANI, M. (1989). Menzogna. In: Batacchi, M. *Trattato enciclopedico di psicologia dell'età evolutiva*. Padova: Piccin. v. 2, p. 847-859.
- MARÍAS, J. (1994). *Mañana en la batalla piensa en mí*. Madrid: Alfaguara.
- MODELL, A. (1990). *Other times, other realities. Toward a theory of psychoanalytic treatment*. Cambridge: Harvard University Press.
- MONEY-KYRLE, R. (1956). Normal counter-transference and some of its deviations. *Int. J. Psycho-anal.* v. 37, p. 360-366.
- OLDEN, C. (1958). Notes on the development of empathy. *Psycho-anal. St. Child*. v. 13, p. 505-518.
- RACALBUTO, A. (1994). *Tra il dire e il fare. L'esperienza dell'inconscio e del non verbale in psicoanalisi*. Milano: Raffaello Cortina.
- ROSENFELD, H. (1987). *Impasse and interpretation*. London: Tavistock.
- SCHACHT, L. (2001). The capacity to be surprised. In: *Richard e Piggie*. v. 9, p. 117-130.
- SCHAFFER, R. (1959). Generative empathy in the treatment situation. *Int. Psycho-anal.* v. 28, p. 342-373.
- _____. (1983). *The analytic attitude*. New York: Basic Books.
- SMITH, H. (1995). Analytic listening and the experience of the surprise. *Int. J. Psycho-anal.* v. 76, n.1, p. 67-78.
- STEINER, J. (1993). Psychic retreats. Pathological Organisations in Psychotic, Neurotic and Borderline Patients. *Int. J. Psycho-anal.* v. 75, p. 159-162.

WIDLOCHER, D. (2003). La personne du psychanalyste et les processus d'empathie et de co-pensées.
In: Federazione Europea di Psicoanalisi Bulletin. v. 57, p. 89-95.

Recebido em 25/07/2006

Aceito em 26/07/2006

Tradução de **Ana Paula Lago Maines**

Revisão técnica de **Patricia Lago**

Stefano Bolognini

Via Dell'abbadia 6

40122 – Bologna – Itália

e-mail: fef8279@iperbole.bologna.it

© Stefano Bolognini

Versão em português Revista de Psicanálise – SPPA